



# EXPLICAÇÃO EM GEOGRAFIA CULTURAL: uma resposta a Cosgrove, Jackson e aos Duncans

■ DON MITCHELL

**A** melhor maneira de honrar um argumento é enfrentá-lo. Fico honrado por Denis Cosgrove (1996), Peter Jackson (1996) e James e Nancy Duncan (1996) terem feito exatamente isto, lendo o meu artigo (Mitchell, 1995) tão cuidadosamente e questionando minhas premissas e conclusões. Deixem-me retribuir a honra.

O comentário de Denis Cosgrove me preocupa. Ele afirma estar

perturbado por [minha] demanda persistente de que as metáforas sejam fundamentadas... Por definição, as metáforas não podem ser 'fundamentadas' a não ser que, naturalmente, estejamos sendo solicitados a aceitar uma teoria mimética da linguagem (Cosgrove, 1996).

Em primeiro lugar, a questão interessante é menos aquela de como a linguagem não é mimética, do que aquela que discute o que a faz parcialmente mimética, que forças e estruturas de poder (amplamente concebidas) determinam a relação entre um conceito e seu referente. Na medida em que vivemos num mundo social, não faz absolutamente nenhum sentido afirmar que metáforas não são, de uma maneira ou de outra, "fundamentadas"

nesse mundo social. Certamente, este processo de "fundamentação" é complexo e minha maneira de compreendê-lo é necessariamente incompleta. Mas, se Cosgrove deseja desistir de qualquer reivindicação de ser capaz de explicar o mundo e como ele funciona, não estou disposto a segui-lo e espero que qualquer geógrafo preocupado com a estrutura desigual do mundo também não deseje segui-lo. Ora, Cosgrove certamente pode contestar minha "agenda submarxista" (ibid, 575) (realmente, eu pensei que o marxismo fosse um tanto mais que 'sub'); certamente ele pode argumentar que estou errado na abordagem teórica, na interpretação de evidências, política ou ao longo de toda uma série de outras frentes, mas se deseja argumentar que as metáforas que usamos não têm nenhuma relação com o mundo em que vivemos, eu simplesmente nada tenho sobre o que falar com ele. Na verdade, por que fazer o esforço? O que digo não terá nenhuma relação com o que ele ouve e não haverá nenhum "fundamento" comum entre nós. Mas, obviamente, Cosgrove não pode acreditar nesta posição extremamente isolada ou nunca teria escrito o seu comentário.

Parece-me que o papel mais importante que temos como geógrafos culturais é *explicar* (o melhor

que pudermos) o mundo ao nosso redor. Para fazê-lo, devemos examinar as metáforas que nós e tantos outros usamos para entender o mundo, para compreender as relações entre essas metáforas e um mundo que, em muitas maneiras fundamentais, é extralingüístico. Isto é, precisamos encontrar maneiras de testar nossas idéias e ideologias e as idéias e ideologia de outros, contra um mundo que é, até certo ponto, mas não inteiramente, produzido por meio destas idéias e ideologias. Para sermos irremediavelmente modernos, precisamos nos aproximar, até a melhor de nossas capacidades limitadas, das *verdades* sobre o mundo social. Talvez esta busca por conhecimento exato é ainda mais uma procura pelo Santo Graal do que a procura por uma cultura ontológica que critico, mas que, não obstante, parece-me essencial. Senão, por que fazer qualquer reivindicação para ser um produtor de teorias, de explicação geográfica, de entendimento? Denis Cosgrove, ao contrário, parece negar a possibilidade de explicação de geografia cultural apenas para substituí-la por um jogo livre de metáforas, de tal modo que, até onde posso dizer, a explanação nunca seria possível. Os geógrafos culturais se contentariam em estabelecer metáforas elegantes para todos os possíveis significados que nossas “imaginações geográficas” pudessem possivelmente inventar. Esta me parece uma agenda demasiadamente limitada para a geografia cultural.

Cosgrove e os Duncans estão preocupados em que eu esteja interpretando erroneamente os “novos geógrafos culturais” e atribuindo a eles posições que podem não sustentar. Especificamente, nas palavras de Cosgrove (*ibid*, 574),

Em parte alguma... qualquer um dos ‘novos’ geógrafos culturais citados por Mi-

tchell afirmou – explicitamente, em escritos teóricos, ou implicitamente, em seus trabalhos substantivos – que uma lista ampliada de características constitui uma definição mais verdadeira de uma ‘cultura’ reificada que a que existia anteriormente.

Deixando de lado o uso errôneo que Cosgrove faz do termo ‘reificado’ naquela frase (certamente nenhum dos geógrafos reivindicou ter criado um conceito *reificado* melhor), parece bem claro no trabalho que examino que o peso das longas discussões sobre cultura são projetadas precisamente para criar uma definição melhor (ou “mais verdadeira”) de cultura. Minha argumentação é que Jackson e os Duncans, por exemplo, não evitam o problema da reificação. Deixo ao leitor a decisão sobre se estou certo<sup>1</sup>.

Qualquer que seja a validade de minhas argumentações, Jackson e os Duncans concordam com minha premissa central de que não existe tal coisa ontológica como a cultura e acho gratificante que agora eles queiram tornar sua posição tão explícita. Peter Jackson está certo ao sugerir que eu ignoro o contexto no qual ele escreveu sobre cultura (exatamente como as críticas a Carl Sauer muitas vezes ignoram o contexto da *suas* teorias) e concordo com ele que o contexto era e é importante. Afinal de contas, o conhecimento só é construído através de luta sobre, e engajamento com, as práticas e idéias – situadas em determinados momentos históricos e sociais – que apareceram antes. Admiro os progressos feitos por Jackson na geografia cultural (exatamente como admiro os de Sauer). Mas, apesar disto (e este é um apelo de autodefesa!), sinto-me obrigado a tentar articular

as dúvidas que surgiram do trabalho de Jackson. Acho que, de modo algum, isto diminui a importância daquele trabalho e de seu contexto. Ao contrário, abordo-o com a seriedade que merece.

Mesmo assim, Jackson sugere que "há uma área onde podemos ainda discordar" (p. 573). Ele salienta que minha abordagem aproxima-se perigosamente de cair na armadilha de um idealismo indefensável que separa a idéia de cultura de quaisquer raízes nas práticas materiais. É claro que esta não é minha intenção, absolutamente (e os Duncans bem como Cosgrove parecem acusar-me justamente do oposto), mas agradeço realmente a Peter Jackson por indicar o perigo implícito em minha formulação. A questão que ele levanta é importante. Se concordamos que não há base ontológica para "cultura", então como podemos assegurar que mantemos "um interesse pelo mundo material?" (ibid). Conforme observa Jackson, disciplinas adjacentes estão se aproximando de nossos interesses tradicionais sobre a cultura material e queremos nos assegurar que o que aprendem de nós é a importância absoluta de espaços materiais – não apenas metafóricos – e práticas espaciais. Foi isso que tentei fazer no exemplo que encerrou o artigo. Se ainda há um ponto de desacordo entre nós não é tanto o interesse pelo mundo material; ao contrário, é se, focalizar como a idéia de cultura é operacionalizada num contexto de grande ebulição das práticas sociais, constitui "um estreitamento indevido de nossa agenda" (ibid). Penso que o estudo da idéia de cultura (e de sua materialidade) levarão, em vez disso, ao desenvolvimento contínuo da geografia cultural. E é por isso que o próprio final irônico de Jackson em seu comentário é tão delicioso: apesar de não ser um "crítico con-

servador" estou realmente argumentando que "a cultura não está em lugar nenhum", mas, como Jackson mostra, eu o faço para mostrar que, numa forma diferente, "a cultura está em toda parte". Só espero que fique claro que a "forma diferente" que precisa ser teorizada não é apenas uma questão de propor uma melhor noção ontológica de cultura.

James e Nancy Duncan salientam corretamente que a "mudança cultural" refere-se tanto a mudanças na geografia econômica, política, social e outras geografias e ciências sociais, quanto na geografia cultural. Mas isso não faz nosso trabalho como geógrafos culturais ainda mais importante, uma vez que os Duncans (1996, p. 577), como eu, querem uma "geografia cultural cada vez mais politizada, assim como mais profundamente apoiada em processos sócio-econômicos e políticos determinados?".

Se, o trabalho de Peter Jackson e o dos Duncans implicitamente mostram que a "cultura propriamente dita" é um mero fantasma (mas muito poderoso), então é nosso dever tornar isso explícito para nós mesmos e para outros que possam usar nossas teorias. Outros geógrafos e cientistas sociais contarão conosco, pelo menos parcialmente, procurando pistas para teorizar a cultura e prestaremos um desserviço a nós mesmos e aos outros se abandonarmos nossas teorias exatamente no ponto em que se tornam mais cruciais – exatamente naquele ponto onde podemos começar a reconhecer a construção da idéia de cultura como um meio para ordenar, dominar e, talvez, resistir.

Os Duncans sugerem que eu acuso os teóricos culturais de um viés. Mas a minha posição não era a de que os geógrafos são "irreais sobre qual é exatamente seu objeto de estudo" (ibid, 577), era exatamente o oposto. Os geógrafos (e outros teóri-

cos culturais) citam continuamente noções reificadas de cultura mesmo quando não é essa sua intenção e, por esse motivo, reificam a "cultura em entidades distintas e delimitadas." (ibid). Este não é um viés do qual estou acusando os teóricos culturais. Em vez disso, aponta-se para o que vejo como uma *consistência* lógica num argumento que se inicia a partir de *falsas* premissas. Realmente considero um "fracasso" a incapacidade dos geógrafos culturais em especificar seu objeto de estudo, mas tento mostrar que a razão para este fracasso não está no que os geógrafos fazem, mas nos conceitos que desenvolvem.

Os Duncans (ibid) estão preocupados com o fato de que a minha posição potencialmente "admite a diferença cultural" e leva a uma ilusão de universalidade e ao perigo de opressão involuntária por meio do imperialismo cultural. Entretanto, minha análise foi feita para afastar a análise da diferença "cultural" das teorias internas da "cultura" (inevitavelmente reificada) e direcionadas às teorias externas de poder em direção precisamente ao tipo de poder que leva a um imperialismo cultural bastante intencional. Pois é isso que está em jogo com a idéia de cultura, e é por isso que tomei emprestado e reformulei o conceito de "infra-estrutura crítica" de Zukin (1991): o imperialismo cultural intencional representa muito trabalho.

Tudo isso, certamente, leva à maior diferença entre mim e os Duncans. Minha queixa sobre a análise textual das paisagens e culturas não é tanto que não estejam "engajadas em análise social fundamentada" (apesar disto poder ser um perigo), nem que os textos sejam, de certa forma, não "reais" ou "materiais". Mais propriamente, é que a análise textual é demasiado limitante, que

a metáfora textual afasta de práticas que não podem ser facilmente subordinadas a ela e que não dispomos tempo suficiente examinando essas práticas que "amarram" abstrações ao "real" (Mitchell, 1995). Não "desejo separar idéias num domínio à parte da prática material como, de certa forma, não plenamente real". (Duncan e Duncan 1996, 576). Acho que meu artigo, especialmente a última seção sobre representação da cultura na sociedade contemporânea, discute vigorosamente a materialidade de idéias e ideologias. Mas não quero manter uma distinção entre idéias (e ideologias) e outras espécies de práticas materiais às quais as idéias estão conectadas. Senão corremos o risco de suprimir todas as formas de atividade extratextual sob a metáfora abrangente do texto. Em resumo, os Duncans e eu simplesmente discordamos sobre como conceitualizar a materialidade das idéias.

Entretanto, nós realmente concordamos que a materialidade das idéias é crucial – e, naturalmente, este é exatamente o ponto que Jackson procurou reforçar em seu comentário sobre meu artigo. Se, como indicam os comentários de Peter Jackson e os Duncans (e que Cosgrove nega), meu artigo contribuiu, pelo menos numa pequena parte da geografia, para a derrubada de um conceito vazio e um tanto hostil e se, por este motivo, começamos a nos mover em direção a melhores teorias de poder (que serão melhores teorias de "cultura"), ficarei muito satisfeito, mesmo que isto realmente signifique que eu apareça, de algum modo, desprovido de "imaginação geográfica". Tenho certeza de que a nossa capacidade contínua de nos engajar em *explicação* geográfica suprirá a contento essa falta.

- \* Traduzido por Olívia B.Lima da Silva de "Explanation in cultural geography: a reply to Cosgrove, Jackson and the Duncans." Publicado em *Transactions of the Institute of British Geographers*. 21(3). 1996, pp 580-582.
- 1 Num ponto relacionado, parece-me "quixotesco" queixar-se de que focalizo demasiadamente afirmações teóricas. Por quê alguém escreve uma teoria a não ser para fornecer uma afirmativa concisa, consolidada e, esperançosamente, persuasiva sobre como o mundo funciona? A teoria é produzida para estabelecer as regras básicas para análise. Não devo questionar estas regras mas, em vez disso, apenas avaliar em conformidade com elas?

- COSGROVE D. Ideas and culture: a response to Don Mitchell. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 21, p. 574-5, 1996.
- DUNCAN J. and DUNCAN N. Reconceptualizing the idea of culture in geography: a reply to Don Mitchell. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 21, p. 576-9, 1996.
- JACKSON P. The idea of culture: a response to Don Mitchell. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 21, p. 572-3, 1996.
- MITCHELL D. There's no such thing as culture: towards a reconceptualization of the idea of culture in geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 20, p. 102-16, 1995.
- ZUKIN S. *Landscapes of power: from Detroit to Disney World*. Berkeley: University of California Press, 1991.

